

DOCUMENTAÇÃO

Notas Bibliográficas

AUGUSTO DE REZENDE ROCHA

C. BRESCIANI-TURRONI: *Corso di Economia Politica* — Volume primo: *Teoria generale dei Fatti Economici* (1949); volume secondo: *Problemi speciali* — Moneta, Credito e Banche, Commercio Internazionale, Cambi Esteri, Forme di Mercato (1951) — Dott. A. Giufré, Editore, Milão.

C. BRESCIANI-TURRONI: *Economic Policy for the Thinking Man* (tradução de Edward Fitzgerald baseada na edição alemã *Einführung in die Wirtschaftspolitik*, do original italiano intitulado — *Introduzione alla Politica Economica*) com um prefácio por Luigi Einaudi — William Hodge and Company Limited, Londres (1950).

AVELHA fidelidade que ainda mantém a cultura brasileira aos valores intelectuais franceses, apenas abalada, durante as duas últimas décadas, pelo prestígio crescente que desfruta entre nós o pensamento anglo-saxônico, leva-nos muitas vezes a um desconhecimento da atividade mental de outros povos que só pode ser infecundo para o nosso progresso. Talvez não exista propriamente desconhecimento; haverá indiferença ou desinteresse, o que é pior, pois dir-se-ia que a atitude resulta de caso pensado, depois de amadurecida a inconveniência de recorrermos a outras fontes culturais. Nada mais prejudicial, porém, à escolha dos rumos por que vai enveredando a inteligência brasileira. Fugir ao pensamento francês para nos abrigarmos sob a hegemonia intelectual inglesa ou norte-americana, eis uma troca que, pelo seu extremo, apresenta resultados duvidosos. A mitigação de certas influências com outras, que lhes são até contraditórias, será sempre benéfica tanto à vida do indivíduo como dos povos. Gide em uma conferência famosa examinou a vários aspectos essa questão das influências; não há muito que acrescentar às suas observações. Só quem se intimida ante o impacto espiritual de influências diversas e não está certo de as bem assimilar prefere a solução cômoda de eleger um só guia mental. E se há terreno onde o protecionismo represente retrocesso e o livre-cambismo a única atitude saudável e racional, é precisamente nesse da cultura de um povo, pois tanto é suicídio o ensi-

mesmamento como a vassalagem a outra cultura, ainda que mais forte e vigorosa.

Haveria um ensaio a escrever-se — embora resvalasse para a fria erudição ou para o impressionismo inconseqüente — acêrca da má vontade que sempre opusemos às influências italianas. Resistência velada, não há dúvida, mas positiva. Se excetuarmos o acatamento filial de nossos comercialistas pelos Vivante, pelos Roeco, etc.; a ascendência que exerceram certos grandes nomes no Direito Penal e Administrativo, como Ferri, Presutti ou Zanobini, sobre figuras isoladas do pensamento jurídico no Brasil; a marca da fábrica italiana, que se observa em nossa contabilidade, especialmente a pública; talvez não pudéssemos ir muito além na enumeração de fatores ou meros elementos dessa origem que indiscutivelmente se incorporaram à cultura nacional. Não é muito quando se pensa na fôrça do pensamento italiano. E nada mais surpreendente que assim seja quando também se considera o vulto da imigração peninsular para o Brasil e o patrimônio da civilização latina — tão soberbamente resguardado pela Itália — onde haurimos o melhor do que estamos tentando transplantar para estas plagas.

Há alguns anos atrás, quando começou o movimento em prol da criação de Faculdades de Filosofia, tanto no Distrito Federal como nos Estados, professores italianos vieram enriquecer com sua experiência e saber o núcleo docente experimentalmente contratado em diversos países para presidir a essa fase de nossa vida universitária. Foi uma contribuição esporádica, que bem poderia ter sido incrementada com espírito de sistema e continuidade. A guerra e suas vicissitudes prévias seriam, posteriormente, as responsáveis pela aquisição feita para a inteligência e administração brasileira de um homem da estatura científica de Giorgio Mortara.

Em ciências sociais, todavia, cumpre reconhecer honestamente que no Brasil se vive mais ou menos alheado ao que vai pela Itália. O Sr. José Honório Rodrigues faz pouco lembrava, em artigo oportuno, que certas coleções históricas, ali publicadas, superam em qualidade as congêneres francesas; no entanto, só a estas habitualmente compulsam os nossos especialistas e não cremos houvesse leviandade em dizer que, de regra, ignoram as outras. Será necessário aduzir provas? Bastará uma — e eloqüente. O nome de Gino

Luzzatto ainda é incompreensivelmente pouco conhecido pelos nossos cultores de história econômica — talvez porque seu auditório em França seja restrito... Qual o autor europeu, no entanto, que revela a sua familiaridade com a bibliografia especializada em português, podendo citar no original a João Lúcio de Azevedo, Fortunato d'Almeida e Manoel Múrias? Talvez a única exceção seja Sombart, a quem nem mesmo as *Memórias do Distrito Diamantino*, de Felício dos Santos, passaram despercebidas... Se Bruno Caizzi não fosse italiano, provavelmente seu magnífico volume (*Compendio de Storia Economica. — Dal Medio Evo ai giorni nostri*), recentemente publicado, teria tido outra repercussão entre nós. Trata-se realmente de obra em nada inferior às sínteses que firmaram a celebridade de Henri Sée. Nos domínios da historiografia e crítica literárias, acaso a influência de Croce e De Sanctis poderá ser identificada em nossos críticos e publicistas como talvez o seja em um norte-americano de requintada cultura como F. O. Matthiesen? Ainda aqui nada mais natural que a força criadora dessa influência atuasse menos sobre um historiador de idéias, de formação anglo-saxônica, já tão profundamente marcado pelos mais diversos pensamentos, do que sobre as literaturas sub-latinas da América do Sul. Poderíamos multiplicar os exemplos se esse nosso alheamento ao que produz a Itália já não fosse tão antigo.

Em economia ou finanças públicas, onde a contribuição italiana é decisiva, só nos ocorre de pronto lembrar que se traduziram para o português os livros já ultrapassados, embora clássicos, de Nitti e Pantaleoni, sem que o último tivesse exercido o papel fecundante em nossos meios universitários que seria lícito presumir. Apontar-se-ão outros casos, de escasso valor para infirmar esta observação, e não iremos muito avante.

Nutre-se em relação à obra de economistas e financistas italianos, com efeito, um agnosticismo desdenhoso, que nenhuma argumentação justifica satisfatoriamente. Motivos porventura pessoais ainda hoje nos fazem lembrar que o Prof. Sá Filho — uma das poucas figuras da inteligência brasileira nitidamente vincadas pelo pensamento italiano — já verberou esse agnosticismo no decorrer de uma defesa de tese. Sua formação humanística e especializada esclarece a crítica, e ainda melhor o alheamento das novas gerações. A obra de Luigi Einaudi, Barone, De Viti de Marco, Morselli, Ricca-Salerno, Marco Fanno, Ugo Papi, F. di Fenizio, Gustavo del Vecchio, etc., para citar tão-somente alguns nomes dentre os de maior significação na Itália de hoje — legítimos continuadores dos Galiani, dos Pareto, dos Pantaleoni, dos Ferrara e tantos outros — em verdade logrou interessar apenas a meia dúzia de eruditos, de que o Prof. Sá Filho é exemplo frisante, mas não alcançou a repercussão que a popularidade desfrutada por tantos compêndios franceses ou norte-americanos, manifestamente inferiores, permitiria antecipar.

O caso de C. Bresciani-Turroni é ilustrativo. Poucos o conhecem entre nós, embora ocupe atualmente os mais importantes cargos na vida econômica e financeira da Itália: é Presidente do Banco de Roma e Diretor-executivo do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Ensina também na Faculdade de Direito de Milão, tendo o seu magistério frutificado nos dois volumes de um *Corso di Economia Política* que é, talvez, pelo pensamento profundo, admirável clareza expositiva e originalidade na formulação dos problemas, a obra geral mais notável com que, na Europa, depois da guerra, se enriqueceu a bibliografia econômica. A opinião científica internacional não esperou, todavia, chegasse Bresciani-Turroni a esses altos postos e produzisse uma síntese tão poderosa do estado atual da teoria e dos problemas econômicos para lhe atribuir posição de autêntico relêvo. Na Inglaterra e na Alemanha já goza há muito tempo de uma reputação que sua obra anterior, sedimentada ao longo de anos, justifica plenamente. O prefácio com que o Presidente Luigi Einaudi — uma das expressões máximas da Ciência das Finanças — apresentou ao público inglês um dos livros que ora nos propomos examinar, veio a ser a consagração definitiva ao seu labor científico.

O trabalho que lhe deu imediata notoriedade resultou de uma análise a respeito do marco alemão e do período inflacionário que a êle se associa; na Inglaterra, quando foi publicada em edição refundida, sob o título de *The Economics of Inflation*, tornou-se logo obra clássica. Trata-se, como diz o Presidente Einaudi, de um marco decisivo na literatura da inflação. Outras contribuições suas à investigação econômica podem ainda ser relembradas: o relatório célebre sobre a relação entre a colheita e os preços do algodão egípcio; os estudos sobre prognóstico econômico e os resultados indutivos da teoria dos pagamentos internacionais; as conclusões a respeito da relação entre os preços e a taxa de desconto a curto e a longo prazo, bem como através de todo o ciclo, etc.

Uma das características da obra de Bresciani-Turroni — talvez a que mais o distinga em meio aos economistas contemporâneos — reside no equilíbrio, que sabe manter, entre a especulação teórica e seus resultados, e o estudo de problemas econômicos práticos com que, diariamente, se defronta o estadista, o administrador, o homem de negócio — numa palavra: o homem de ação. Eis um intelectual puro que não desconhece o solo em que pisa, nem se recolhe a sobranceiro isolamento. Será essa uma feição que, de fato, o recomende? O economista, para muitos, deve cingir-se apenas ao exame imparcial, atento e frio da realidade social; tem de ficar "acima das refregas". Nada, aliás, tão raro de encontrar-se como um economista disposto a abandonar o deleite da especulação desinteressada para mergulhar em cheio nas questões onde não há probabilidade de argumentação *coeteris paribus*. Bresciani-Turroni, todavia, intromete-se em questões políticas, e o faz com desassombro e objetividade — não para julgar — obser-

va Einaudi — mas antes de tudo para conhecer a natureza da intervenção estatal, e a adequabilidade dos meios aos fins escolhidos. Não louva nem condena: analisa e explica.

Quando o Prof. Hayek publicou, há alguns anos, *The Road to Serfdom*, com uma coragem intelectual a que não se pode deixar de render homenagem, foi obrigado quase a desculpar-se, no prefácio, pelo fato de escrever um livro político, o que até então estava excluído da competência do economista profissional. Bresciani-Turroni não se deixou até agora tolher por tantos escrúpulos: enfrenta problemas de natureza política porque constituem dados que lhe não é lícito ignorar. Se acaso dêles se alheasse estaria traindo sua missão científica e Einaudi louva-o precisamente porque não abstrai com artifícios lógicos as verdadeiras condições em que ocorrem os fenômenos.

Não torceríamos as idéias de Bresciani-Turroni se avançássemos também que para êle, a exemplo de Lord Keynes naquela famosa introdução aos *Cambridge Economic Handbooks*, a teoria econômica é apenas uma técnica de raciocínio, uma simples ferramenta intelectual — mas preciosa e insubstituível para quem deseja pensar corretamente. Por isto mesmo a ação política ou administrativa lucra em conhecer-lhe os métodos e resultados; sem a assistência de pensamento claro e lógico, que ajude a interpretar os fenômenos da realidade econômica ambiente, ela é fatalmente levada a conseqüências que todos nós, como cidadãos, contribuintes ou consumidores, bem conhecemos. Bresciani-Turroni não superestima nem amesquinha, portanto, o significado da teoria econômica; tenta precaver-se tão-somente contra deduções *in-abstrato* que se constituam em fim definitivo. Daí esse equilíbrio raro que alcança e só êle lhe permite harmonizar extraordinária capacidade expositiva e dialética, discriminando e organizando os elementos indispensáveis ao raciocínio, com uma sensibilidade quase sismográfica ante os problemas de organização da produção, de comércio internacional ou de política econômica. Não sabemos mesmo de quem enxerte, com maior senso de oportunidade, nas demonstrações teóricas, a informação objetiva que lhes dá um genuíno sabor de vida cotidiana e lhes retira o gôsto ácido de um vaidoso jôgo intelectual. A linguagem de Turroni salienta-se, ademais, pela precisão e clareza: nada do que diz é supérfluo. A rigor, é um dos poucos economistas vivos que ao espírito de geometria reúne o de finura.

Estas expressões poderão parecer imoderadas no seu entusiasmo, mas o comentarista não se arreceia de confessar que a qualquer outro tratado geral de Economia prefere ultimamente, dentre os que conhece, o de Bresciani-Turroni, sobretudo se de improviso deseja aplicar princípio teórico ao esclarecimento ou à formulação de problema prático. Na verdade, só o contato direto com as idéias e o método de Turroni lhe fará inteira justiça e permitirá ajuizar o acerto dessa opinião.

Abandonando resolutamente a sistematização que nos foi legada por Jean Baptiste Say — e a que se conservam fiéis ainda hoje alguns dos melhores autores franceses — coloca-se antes o Mestre italiano na esteira dos grandes economistas ingleses, alemães ou austríacos. A influência da Escola de Lausanne é mesmo discernível no pensamento de Bresciani-Turroni, a despeito da originalidade que dá uma vida particular a qualquer das suas páginas. Divide o primeiro volume do *Corso — Teoria Generale dei Fatti Economici* — em cinco partes, que são, verdadeiramente, cinco grandes ordens de investigação teórica. Na primeira — *Noções Introdutórias* — trata do objeto e do método da Ciência Econômica (cap. I) e da evolução do pensamento econômico (cap. II), passando, em seguida, a fixar alguns conceitos fundamentais (cap. III). Não conhecemos quem tenha logrado em tão curto espaço (67 páginas) condensar matéria que, sem ser de absoluta controvérsia, pelo menos resiste à síntese. Êstes capítulos não avultam unicamente do ponto de vista didático: são exemplos acabados de estilo científico, como bem poucas vezes nos tem sido possível apreciar.

A segunda parte — *A distribuição de quantidades dadas de bens de consumo. A troca* — compreende quatro capítulos: A distribuição dos bens de consumo em uma economia coletiva (I); As procuras e as ofertas individuais (II); A formação do preço do mercado (III); Teoria sobre a formação do preço: aproximações sucessivas (IV). A terceira parte — *A produção dos bens* — desdobra-se em seis capítulos: A produção em geral (I); As leis da produtividade (II); O custo de produção (III); A melhor utilização dos fatores da produção (IV); A teoria da empresa (V); Os preços pelo uso dos fatores da produção (VI). A quarta parte — *A oferta dos fatores da produção* — abrange os seguintes capítulos: A renda da terra (I); A oferta do trabalho (II); A formação do capital (III). Finalmente, no capítulo único da quinta parte — *A renda nacional e sua distribuição* — examinam-se questões variadas, que vão desde o conceito de renda individual (§ 186), renda de uma coletividade (§ 187), cálculo da renda nacional (§ 188), distribuição "funcional" da renda nacional (§ 189), distribuição geográfica da riqueza (§ 192), interpretação das estatísticas das rendas (ou do patrimônio) individuais (§ 193), até a "lei" de Pareto (§ 196) e questões correlatas (§§ 197/199), estabelecendo conclusões sobre a identidade das leis econômicas fundamentais tanto em uma economia "capitalista" como em uma economia "coletivista" (§ 251), sobre o problema do socialismo na economia clássica (§ 202) e a contribuição dada ao estudo desse problema pela ciência econômica moderna (§ 203).

Seria imprudente se pretendêssemos dar uma idéia, ainda que resumida e singela, acerca da riqueza dos pontos de vista sustentados por Bresciani-Turroni em todos os capítulos acima referidos, ou sobre as demonstrações teóricas que oferece. Exposição tão cerrada e precisa não comporta simplificação. Tomando quase sempre, como ponto

de partida, proposição ou idéia de um predecessor ilustre — Pântaleoni, Wieser, Jevons, Marshall, Mayer, etc. avança o autor gradativamente até à conclusão que o leva a rejeitá-la ou aceitá-la. Esse método, que nada tem de rígido ou sistemático, além de facilitar a comparação entre correntes econômicas, permite que se acompanhe o processo de lenta clarificação do pensamento científico através dos seus mais altos representantes, e fixa o que se vai tornando obsoleto ou impróprio, válido ou permanente.

À guisa simplesmente de amostra, indicamos, àqueles que se interessam pelo assunto, alguns dos pontos altos que, a nosso juízo, merecem particular referência no primeiro volume do *Corso di Economia Politica*. Observem-se, por exemplo, a segurança da formulação do “nivelamento das utilidades marginais ponderadas” (p. 73/75) e os subseqüentes capítulos em que se estudam as ofertas e procuras individuais e a formação do preço de mercado (salientem-se sobretudo as considerações a respeito das causas que influem sobre a elasticidade da curva de procura individual — p. 92/93; a medida da elasticidade da procura, as relações entre a elasticidade da procura e o preço, bem como a “elasticidade” e a “inclinação” da curva — p. 109/111). Como exemplo de refutação clara, mas ríspida — quase impiedosa — leia-se, por exemplo, a página provocada pela opinião de Leroy-Beaulieu de que não é possível determinar o preço quando a procura é função dos preços de mais de uma mercadoria (p. 141). Como exemplo de exato tratamento teórico de um conceito, ressaltando-lhe simultaneamente o alcance prático — isto é, em política econômica — veja-se o que diz o autor acerca da interdependência das quantidades econômicas (p. 147), conceito que encontra na teoria do equilíbrio econômico uma demonstração rigorosa.

Outros exemplos preclaros das qualidades de Bresciani-Turroni têm-se no tratamento que dá a temas sobejamente versados, como são o da “natureza” e “trabalho” como fatores de produção (p. 159/162; 162/168), o da divisão do trabalho, que é analisado como manifestação de um fator de caráter social: a organização (p. 168/171), e o do capital (p. 171/174). (A página em que sintetiza as condições gerais de utilização efetiva da terra italiana, do trabalho agrícola e industrial em seu país — à medida que as transformações técnicas se processavam, especialmente no correr deste meio século — e o imperativo da emigração em massa, como válvula de segurança, para resolver o problema da pressão demográfica — é uma página lapidar, que exemplifica admiravelmente o seu *estilo*, tomando-se o termo como complemento lógico da organização mental de um escritor).

Atente-se ainda no capítulo consagrado às “leis da produtividade”: em poucos livros de Economia se observará a mesma lucidez ao versar as questões da *complementaridade* e da *substituibilidade* dos fatores (neologismos talvez pouco correntes, mas de bom cunho e indispensáveis à expres-

são da idéia e de seus exatos matizes); a lei clássica dos rendimentos decrescentes da terra, sua generalização e ilustrações; as relações entre a produtividade média e a produtividade marginal de um fator (p. 179/181; 181/187; 187/189). Tudo quanto escreve sobre custo de produção fixa um modelo de exposição clara e didática (p. 197/209). Assunto controvertido e delicado como é o do lucro, ao ser examinado no capítulo referente aos preços pelo uso dos fatores da produção, logra ser exposto com um rigor teórico que não exclui o confronto ilustrativo de opiniões autorizadas (Knight e Stuart Mill) nem a utilização da experiência decorrente de acontecimentos contemporâneos (p. 248/252). Cumpre ressaltar, finalmente, nesta enumeração, que poderia alongar-se muito mais, sem vantagem palpável para o leitor, o capítulo a respeito da oferta de trabalho (p. 277/295), onde a discussão dos principais problemas, que se relacionam com o salário, é conduzida com serenidade e agudeza. Assim, por exemplo, a ponderada observação, depois de estudar a elasticidade da procura do trabalho e de sumariar o significado e alcance relativo das pesquisas, já hoje clássicas, para os Estados Unidos, do Senador Paul Douglas: “È interessante osservare che la equazione della produzione del Douglas — che non è l’“equazione della fabbrica” ma è valida, secondo l’autore, per l’intera economia industriale degli Stati Uniti — è omogenea e lineare. Anche le ricerche di Pigou, Dalton e Edelberg tendono a dimostrare che la domanda di lavoro è elastica. Ma sono necessarie delle ricerche induttive per molti paesi, perché è dubbio che le conclusioni così favorevoli al lavoro, che risultano dagli studi del Douglas, possano valere anche per i paesi dove sono scarsi i fattori complementari del lavoro, e lento il loro aumento” (p. 292). Mais do que um exemplo de rigor científico, as considerações transcritas revelam algo de muito raro: a probidade de Bresciani-Turroni. Acaso não poderia ser imitada, especialmente por aqueles que vão ao extremo de generalizar certas conclusões análogas às de Douglas a países que não se encontram nas condições norte-americanas?

* * *

O segundo volume do *Corso di Economia Politica*, subordinado ao título de *Problemi Speciali* (Moneta; Credito e Banche; Commercio Internazionale; Cambi Esteri; Forme di Mercato), não se afasta das qualidades observadas no primeiro, antes acentua e apura a virtude de contrapontear o tratamento teórico da matéria com o exame de problemas práticos. Eis um volume que excede nitidamente o primitivo endereço didático. A variedade e complexidade dos problemas abordados e o desenvolvimento dado à análise — rigorosa e circunstanciada — de muitos deles tornam a sua leitura a certos aspectos de grande dificuldade. Sem dúvida não se nota qualquer enfraquecimento na capacidade expositiva ou literária do autor — talvez o contrário até se possa constatar — mas neste

volume agitam-se questões que pela sua própria natureza são rebeldes a uma perfeita clarificação.

Dos onze capítulos da Primeira parte — *Moeda e Crédito* — três são dedicados ao estudo das funções da moeda (I), valor da moeda (II.1) e velocidade da circulação da moeda (II.2), a que se seguem quatro outros consagrados ao crédito (III), aos bancos de emissão (IV), aos bancos de crédito ordinário (V), às relações entre os bancos de emissão e os bancos de crédito ordinário (VI). Daí por diante o exame das questões monetárias, porque estejam entretidas às do crédito, se faz alternada ou concomitantemente com estas, o que apresenta indiscutível vantagem para o leitor, que tem, assim, um quadro realista da vida econômica e financeira. Daí, os capítulos sobre mercado monetário e mercado financeiro (VII), sistema monetário áureo (VIII), e o que sumaria as conclusões sobre as relações entre a quantidade de moeda e o nível de preços (IX). Outros capítulos examinam questões de atualidade ou de interesse italiano: os problemas monetários depois das duas guerras mundiais (X) e a situação do Banco de Itália e das “aziende” italianas de crédito (XI). Na quarta parte — *Alguns problemas atuais* — retomam-se outros tópicos de moeda e crédito que, pelo seu caráter particularizado ou de acesa atualidade, não podiam apropriadamente ser versados na primeira parte. Eis o que explicará as discussões constituindo um todo à parte em torno da estabilização das moedas (I), sobre o fundo monetário internacional (II), sobre o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (VI), sobre o problema dos “câmbios indiretos” (III), política financeira e monetária da Itália depois da segunda guerra mundial (IV), investimentos externos (V) e, finalmente, sobre o problema das áreas retardadas (VII), etc. Colhem-se nestes capítulos os frutos da experiência de Bresciani-Turroni não somente como cientista, mas sobretudo como estadista e administrador, e não seria impertinência sugerir sua leitura a todos que, detendo uma parcela de responsabilidade ante o público — até mesmo no jornalismo especializado — se vejam forçados a tratar dessas questões ainda tão mal esclarecidas. São páginas estimulantes; não se limitam a ensinar: obrigam a pensar.

Na segunda parte — *As Relações Econômicas Internacionais* — analisam-se os conceitos de “balança comercial” e “balanço de pagamentos” (I), o “balanço de pagamentos” italiano (II) e as transações financeiras internacionais (III). Nestes e em outros capítulos deparamos com novos exemplos da capacidade invulgar de o autor esgotar certos temas: vejam-se a verificação indutiva da teoria dos pagamentos internacionais e os empréstimos externos feitos à Alemanha nos anos de 1924-1929 (IV); a balança comercial egípcia (V); e a transferência de um tributo de guerra (VI). O capítulo sétimo — A teoria do Comércio Internacional — conclui o exame das relações econômicas internacionais.

Quanto à terceira parte, está inteiramente consagrada à análise dos problemas relativos à inflação, quer nos seus efeitos econômicos e sociais, quer nas suas repercussões sobre o câmbio e comércio internacional. Na quinta e última parte deste segundo volume — *Formas de mercado diversas da livre concorrência* — abordam-se as questões de monopólio perfeito (I), monopólio parcial (II), duopólio e oligopólio (III), monopólio bilateral (IV) e concorrência monopolística (V).

O volume termina com o exame crítico de uma vasta bibliografia, atualizada e seleta, que não constitui o menor auxílio prestado por Bresciani-Turroni ao leitor desejoso de alargar conhecimentos. A enumeração circunstanciada, que vimos de fazer, desdobra, assim, ante o leitor, a extraordinária amplitude, diversificação e profundidade do *Corso di Economia Politica* — coroa-mento de uma obra e de uma vida devotadas à ciência econômica.

* * *

Outro livro de Bresciani-Turroni — *Economic Policy for the Thinking Man* — permite-nos avaliar o grau de maturidade a que chegou seu pensamento. Conquanto seja uma coletânea de ensaios publicados a princípio em jornais e revistas especializados, liga-os um nexos comum de idênticas preocupações e atitudes ante os problemas, de forma que a unidade do volume fica assegurada, emergindo dêsse exame, afinal, a fidelidade do autor na defesa dos pontos de vista que se lhe figuram justos.

Trata-se de uma versão feita não do original italiano — *Introduzione alla Politica Economica* — mas da edição alemã, revista pelo próprio autor: *Einführung in die Wirtschaftspolitik*. Porque o público de Bresciani-Turroni não se limite apenas à Itália e seja recrutado hoje em toda a inteligência européia, as edições estrangeiras de seus livros são muitas vezes mais completas que as no seu próprio idioma. Isto explica se tivesse dado preferência a vertê-lo do texto alemão, que incorporou elementos mais variados ao texto primitivo.

Para o leitor culto, mas não especializado, é obra de particular interesse porque lhe facilita acesso consciente a uma ordem de problemas que normalmente lhe estariam vedados. Quando um indivíduo já armazenou certo grau de cultura, abstém-se quase sempre, movido por uma discrição que talvez se aparente do orgulho, de invadir terreno especializado que não conheça seguramente. No entanto, por isto que já atingiu êsse grau de cultura, é-lhe forçoso muitas vezes inteirar-se dos resultados obtidos em outras esferas de conhecimento, por mais distanciadas que estejam de sua costumeira atividade intelectual. Daí, a necessidade e a importância das obras de divulgação científica. Todavia, nada mais difícil — assinala Einaudi — que preparar um livro de mérito, capaz de satisfazer, sem descaídas, a êsse propósito vulgarizador. Eis um teste de que nem sempre se sai a contento, mesmo quando se domina o assunto. Escrever para especialistas é tarefa que não exige

muito esforço — continua Einaudi — mas muito poucos logram o duplo resultado de interessar ao oficial do mesmo ofício na formulação renovada de idéias e problemas, e atender às necessidades do leigo, proporcionando-lhe uma concepção exata da matéria científica. Bresciani-Turroni venceu essa prova, galhardamente, evitando ao mesmo tempo a superficialidade fácil, que só lhe conquistaria o apoio do leitor inveterado de manuais divulgadores, e o hermetismo especialista, que lhe restringiria aos confrades o aplauso eventual. A exemplo do nosso clássico, podemos dizer que as duas colunas da opinião — graves e frívolos ou técnicos e leigos — encontrarão neste *Economic Policy for the Thinking Man* matéria suficiente com que satisfazer ao seu apetite.

Aconselha Einaudi que no correr da leitura se consulte várias vezes o primeiro capítulo deste livro — A intervenção do Estado e a ciência econômica — a fim de que tôdas as questões debatidas possam com propriedade referir-se às premissas gerais que nêle se estabelecem. E' um excelente conselho: se observado, a leitura do volume se tornará mais proveitosa, por isto que se apreciarão os casos particulares no contexto geral em que se localizam.

Torna-se indispensável insistir, com efeito, logo de início, quando se empreende o estudo desses problemas especiais propostos pelo autor — problemas de política econômica, de uma estonteante variedade, que preocupam ao homem culto — em que a intervenção estatal, seus fins e suas formas, constituem o *leit-motiv* necessário que há de presidir ao desenvolvimento de qualquer raciocínio ou à solução de qualquer problema. Na verdade, a intervenção estatal, deixando de ser matéria optativa, converteu-se em *dado* necessário, aparente ou subjacente, que importa considerar. Tudo está em prescrever-lhe os limites, o que é incerto e precário. Já Lord Keynes há muitos anos dizia

que a tarefa essencial do economista moderno era assentar o que compete ao Estado e o que lhe não compete empreender. Bresciani-Turroni renunciou a demarcar essas fronteiras da competência empreendedora do Estado: não ignora que são indefinidas, variando antes de tudo com o ideário político dominante. Analisa-lhe, porém, os resultados, sem esquecer tampouco de examinar os meios que levaram a tais resultados. E, assim, quanto não se aventure a julgar da utilidade específica dos fins a que visou a ação do Estado, condena muitas vezes com irretorquível força argumentadora os frutos colhidos, o que se traduz, em última análise, em julgamentos de valor. Sirva de exemplo o capítulo sobre Planejamento econômico, em que desmonta com rigorosa análise, de caráter teórico e prático, a precariedade arrogante do plano quadrienal levado a efeito há alguns anos, na Alemanha, sob um regime político particularmente favorável à plena concretização dos propósitos planificadores. Coloca-se Bresciani-Turroni, destarte, em posição ideológica semelhante à de Hayek, Von Mises ou Lionel Robbins, pugnando no sentido de um neoliberalismo a que já não faltam obras mestras de crítica ou de ânimo construtivo, que se incluem entre as de maior significação destas duas últimas décadas.

N.R. — Por um lapso de revisão, no 3.º parágrafo da pág. 74, 25ª linha, Revista de junho de 1952, foi impressa a palavra "jovens" em vez de "judeus". Com a presente "errata", a R.S.P., procura corrigir o engano, eximindo o autor de qualquer responsabilidade pela informação errônea que poderia ser transmitida aos seus leitores com essa mudança de palavras.

Também, em virtude de um engano da Seção de Padronização do D.I.N., acrescentou-se ao artigo do mesmo título e do mesmo autor, no número de agosto último, pág. 137, a frase "E' que viu o legislador, mais uma vez, através de uma clarividência social, a necessidade da integralização de um *Mínimo Salarial* para satisfação de um *Mínimo Vital*", o que não consta dos originais.